

## O Senhor dos Aneizinhos.

Não sei, mas às vezes me parece que não enxergamos. Que fomos todos feitos andróides defeituosos. Quer dizer, não “desde o princípio”, mas aos poucos, geração a geração.

A entrada para o jardim do Campo de São Bento, em Niterói, estava quase bloqueada pela profusão de cores estampadas nas roupas dos passantes. Foi ontem, domingo. O leitor pode imaginar a cena festiva relembrando qualquer outra crônica a respeito de parques públicos, num belíssimo domingo de céu azul. Por isso, posso pular esta parte tranquilamente.

Mas havia uma minúcia, um particular melancólico, que compeliu a minha atenção, como fazem as grandes ondas, diretamente a um senhor. Era um velhinho, sentado junto ao portão de entrada, de olhar perdido, e que com uma das mãos segurava uma bandeja, trêmula, contendo pequenos anéis. Ele era mais um dentre dezenas de outros vendedores - mas não ambulante, que este não apresentava condições. Os aneizinhos pareciam de fabricação caseira, talvez confeccionados pela velha esposa, ou neta talvez. E ele estava ali para vendê-los, e assim complementar, quem sabe, a vileza de sua aposentadoria. Mas este andróide não reuniu coragem para falar-lhe qualquer coisa, menos ainda para comprar-lhe um dos trabalhinhos. Fico pensando, nesta segunda feira, que fui desmotivado à aproximação pelo receio de descobrir-lhe maiores dramas, alguma lágrima nos olhos, um abandono irrefreável... E segui o meu caminho. E todos seguiam seus caminhos, cada um à busca de seus tesouros particulares, na ânsia diária e individual de seus personalizados anéis. Mas ainda voltei, uma vez mais, porém agora apenas para ouvir, com ouvidos aguçados, aquela triste canção. Aquele velhinho era uma canção da vida, sintonizada na estação Realidade.

(O que quero dizer com “canção da vida” é isso: um item significativo encoberto pelas cores do óbvio; um emblema chamativo e marcante, próximo ao

limite de um quadro real e enigmaticamente afixado à nossa frente, mas estrategicamente exposto a vistas desarmadas).

E a sua música, que tocava apenas nos espíritos, era também uma canção que dispensava legendas, já que tudo ali era possível ler nas suplicantes entrelinhas que dançavam no ar.

Na sua bandeja trêmula, que ele oferecia aos passantes, vibravam todos os acordes afinadíssimos de uma mensagem universal. E ainda penso que a tremura de sua mão servia tão somente a chacoalhar as notas, vibrantes, a nos convidar à tão harmoniosa - embora sombria - sinfonia.

Mas somos androides, não ouvimos com os labirintos da natureza; nada enxergamos senão de olhos abertos a uma ilusão estonteante, não conseguimos nos sintonizar à Grande Rádio - a emissora das canções da vida. E este que vos fala não é compositor das canções da vida, mas humilde retratista dessas canções.